

Audição em risco

07/10/2009
Correio Braziliense

OMS afirma que 10% da população mundial sofre de alguma deficiência auditiva. Avanço dos tocadores portáteis aumenta riscos, inclusive de surdez permanente

Um estampido, a dor e a sensação de que os sons não eram mais percebidos da mesma forma. Há um mês, o músico Adriano Camilo, 32 anos, perdeu 40% da audição do ouvido esquerdo enquanto acompanhava, com um fone de ouvido, os detalhes de uma canção gravada por ele e sua banda. "Tive um trauma acústico provocado pelo som de um prato de bateria, que, por motivos técnicos, estava bem mais alto que os outros instrumentos.

Foi como se tivesse levado um tapa no ouvido. Sou professor, trabalho com música há mais de uma década e nunca havia acontecido nada parecido comigo", lamenta.

Casos como o de Adriano não são raros entre músicos. A perda auditiva tem relação direta com alguns campos de atuação. Profissionais que trabalham com armas de fogo, atuam em pátios de aeroportos, dirigem tratores ou passam grande parte do dia em ambientes barulhentos estão mais expostos a danos na audição.

O mal também tem atingido os usuários de tocadores portáteis que apreciam ouvir músicas em volume bem superior aos considerados saudáveis. Muitos nem sequer sabem dos riscos que correm.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 10% da população mundial sofre de alguma deficiência auditiva. Dados da Sociedade Brasileira de Otologia revelam que, no país, cerca de 30 milhões de pessoas têm zumbido no ouvido, um dos sintomas da perda de audição. A deficiência pode ter origens congênita, genética, infecciosa, induzida por ruído, toxicidade de alguns medicamentos ou ser decorrente da idade. "O distúrbio proveniente do envelhecimento é lento, progressivo e geralmente acomete pessoas acima dos 60 anos. A perda auditiva induzida por ruído, porém, seja ele ocupacional ou recreacional, vem se tornando cada dia mais comum entre os jovens", afirma o otorrinolaringologista Jacinto de Negreiros Júnior. "Justamente aí entra a questão dos tocadores eletrônicos. Hoje, com potência de até 120 decibéis (dB), eles podem causar surdez permanente devido à lesão que causam nas células ciliadas dentro da cóclea", afirma Jacinto.

Sem saber

Secreção ou dor nos ouvidos, tontura, zumbido, hábito de ouvir televisão ou rádio com volume alto são sintomas de perda auditiva que nem sempre são percebidos pelas pessoas que sofrem do problema. "Às vezes, os pacientes são informados por outras pessoas, como familiares e colegas de trabalho, porque apresentam dificuldade na conversação ou ao telefone", observa o otorrino. O médico lembra que a visita a um especialista deve ser feita o quanto antes. "Avaliamos o histórico do paciente e indicamos exames detalhados para diagnosticar a deficiência", acrescenta Jacinto.

A investigação médica determinará também se a perda auditiva é ou não irreversível, fato ligado à causa do mal. "Nas perdas reversíveis, pode-se realizar tratamento medicamentoso ou cirúrgico. Já nas permanentes, os cuidados podem envolver desde o uso de aparelhos auditivos até o implante coclear", aponta o médico.

A fonoaudióloga Camila Quintino lembra que a prevenção contra alguns danos auditivos é possível, mas alerta que a exposição aos ruídos intensos por longo período de tempo provoca perda permanente da audição, porque danifica as células internas do ouvido. "É possível prevenir. Profissionais expostos ao barulho devem usar atenuadores de ruídos. Músicos também podem se proteger com equipamentos especiais que minimizam os riscos. Como a música é fonte de prazer, as pessoas toleram níveis sonoros altos por mais tempo, por isso os usuários de MP3 e afins devem regular o som a 50% da capacidade máxima do volume desses aparelhinhos", aconselha.

Pressão europeia

Na Europa, a Comissão Europeia (CE), braço executivo da União Europeia, tem pressionado fabricantes de tocadores eletrônicos a incluírem um dispositivo que alerte os usuários desses aparelhos quando o

volume estiver muito alto. A CE quer que os fabricantes delineiem um padrão técnico para marcar pontos de segurança. Se aprovada, a regulação pode vigorar entre todos os 27 Estados-membros da União Europeia em 2011.

A prevenção é realmente o melhor caminho para se evitar o pior. O vocalista Bruno Surian, 25 anos, passou a usar protetores tanto em ensaios quanto nas apresentações de sua banda. "Percebi que não posso correr riscos de causar danos a um sentido tão fundamental à minha profissão", avalia. Já a chefe de cozinha Kátia Ribeiro de Albuquerque, 43 anos, não pôde evitar a perda de 80% da audição. "Quando criança, tive uma perfuração no tímpano provocada por uma infecção de garganta que evoluiu para o ouvido. Naquela época, era comum o uso de remédios caseiros, como o azeite por exemplo", conta. "Também fui tratada com medicamentos receitados por especialistas, mas jamais me recuperei. Até hoje, o ouvido afetado expurga pus. O transtorno me atrapalha profissionalmente. As pessoas pensam que eu as ignoro ou reclamam que eu peço muitas vezes para repetirem o que dizem. Não é fácil." Uma nova prótese já usada nos Estados Unidos e na Europa e prestes a chegar ao Brasil pode representar uma esperança para alguns casos. Trata-se de um aparato de titânio que substitui os aparelhos tradicionais e é implantado no ouvido médio por dentro do tímpano. "Essas próteses são indicadas para pacientes com lesão na cadeia de ossos do ouvido médio, geradas, normalmente, por traumas, infecções e tumores. São danos que desestruturam o aparelho auditivo. A prótese remodela todo o sistema e melhora a condução sonora. O recurso será usado pela primeira vez no Brasil dentro de duas semanas", adianta o otorrinolaringologista Yasser Jebahi, membro da Sociedade Brasileira de Otologia e do quadro clínico do Hospital Santa Cruz, em Curitiba (PR).